

ESCOLA PIOLLIN: OUTRO MODELO ESCOLAR?

MARIANA MARQUES TEIXEIRA

Historiadora e Mestra em História da Educação PPGE/UFPB. E-mail: mariana_mino@hotmail.com

Introdução

O objeto de Estudo: Escola Piollin – fundado por Luis Carlos Vasconcelos e Everaldo Pontes (na época jovens atores amadores) – criada em 1977 na capital da Paraíba nos surgiu por ocasião da escrita de nossa dissertação de mestrado na Pós Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba. Assim, esta comunicação tem o intuito primeiro de compartilhamento de alguns aspectos interessantes na análise da prática escolar dessa instituição para a ampliação de nossas leituras a cerca das possibilidades educativas culturais e escolares, principalmente na Paraíba, mesmo num período de Ditadura Militar pelo qual passava o país.

A dissertação referida limita suas análises aos primeiros sete anos de funcionamento da Escola (de 1977 a 1984), mas nesta comunicação resolvemos nos ater ao que denominamos seu “segundo momento de funcionamento” – quando a Escola Piollin muda para uma sede definitiva cedida (após muita luta política) pelo governo do Estado da Paraíba num acordo de Comodato. Acreditamos que essa mudança física deu maior segurança aos gestores da instituição quanto a sua sobrevivência e assim percebemos que as práticas educativas passaram a receber maior atenção de todos através das vivências escolares.

Assim, nesse segundo momento de funcionamento, tudo o que conseguimos apurar deveu-se inicialmente ao riquíssimo acervo da própria instituição, através dos relatórios dos monitores, das atas e pautas de reuniões tidas ora como administrativas, ora como pedagógicas, do vasto acervo fotográfico e, posteriormente, da complementação feita por meio das entrevistas com alguns dos muitos sujeitos envolvidos com a Piollin.

A grande quantidade de relatórios individuais dos monitores se faz mais constante principalmente nos anos de 1982 e 1983 quando a Escola passa a receber seus principais recursos do Ministério e Secretaria de Educação e Cultura por meio do FNDE¹ e por meio do convênio firmado via projeto *“Interação entre educação básica e os diferentes contextos culturais existentes no País”*. Este principal órgão financiador parece que lhes exigia entre outras condições, o envio freqüente de relatórios de acompanhamento e de avaliação das atividades da Escola Piollin, o que favoreceu o registro dos encaminhamentos dados às ações e aos desafios encontrados naquelas circunstâncias para que dessem andamento as suas investidas. Pareceu-nos que essa necessidade de registro individual dos monitores não havia sido exigência habitual anteriormente, e por isso mesmo, é que esse período apresenta-se tão interessante, pois conseguimos por meio desse recurso uma aproximação com que pensamos os monitores para além dos relatórios “oficiais” da instituição, já redigidos com alguma freqüência quanto às questões de sua consolidação e reconhecimento².

A Escola Piollin definitivamente não era “comum”. Por isso, acreditamos, após nossas análises, que naquela instituição – intencionalmente ou não – viveu-se no período estudado outro modelo escolar. Por que dizemos isso? Vejamos. Lá, não havia admi-

¹ FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação;

² Aproveitando o ensejo, é importantíssimo não esquecer também a preocupação constante que a Escola sempre teve em, na medida do possível, regulamentar-se. Para tanto publicou muitas vezes em Diário Oficial e registrou em cartórios freqüentemente, dentre outros, seus Estatutos (de 24.03.1979 e Pós-Comodato em 11.02.1982), o Contrato de Comodato (01.04.1980), suas novas gestões, o projeto de Lei de Utilidade Pública (nº131/83 de 03.11.1983) e (nº16/84 de 25.04.1984) e a Lei de Utilidade Pública (nº4213 de 18.10.1983). Isso tudo só nos indica que a intenção em levar a sério o trabalho realizado fazendo com que a instituição tivesse respaldo legal foi uma preocupação das gestões que estiveram à frente da Piollin, provavelmente na tentativa de se fazer respeitar e reconhecer. Dessa maneira, a Escola Piollin demonstra, ao longo dos anos analisados, uma vontade constante de ter suas atividades dentro dos trâmites legais apesar da legislação à época não reconhecer claramente iniciativas de educação desse tipo.

nistradores burocratas, mas gestores e coordenadores. Não havia professores, havia monitores. Não havia turmas fixas, mas oficinas – mistas em sexo e idade (chegamos a perceber numa mesma “turma” alunos que vão dos 5 aos 15 anos). Nem existiam aulas, pois realizam atividades. Os alunos, na maioria das vezes eram mencionados apenas como, crianças e jovens. E o principal diferencial a nosso ver: não existia um conteúdo programático a ser seguido pois tinham como principal norte o estímulo livre à criatividade. Totalmente intuitivo ou não, o que se percebe é que naquele espaço educacional havia a geração de várias oportunidades de aprendizagem. Na prática da Piollin parece não haver amarras de conteúdo, tempos ou expectativas em relação à aquisição de conhecimento “a” ou “b”. O que pudemos perceber foi uma primordial preocupação de proporcionar ao “aluno” a oportunidade de novas experiências consigo mesmo e com os outros colegas com a finalidade de torná-los jovens mais criativos e livres. Podemos observar isso por meio de parte da entrevista com Everaldo Pontes

...a nossa característica sempre foi essa: é muito assim, muito da intuição, do improviso e da energia no momento entendeu? A gente sempre tinha uma coisa que nos regia, digamos assim... uma visão geral da coisa que era a liberdade do ator, a liberdade do aluno é... poder se manifestar e dar coordenadas para essa manifestação. Tipo, um tema, uma dramaturgia, um tema e uma orientação física de aquecimento, de preparação vocal, ah... de discussão e de formação a nível da história do teatro. Ah... do que se podia fazer. Bom, esse era o arcabouço. Mas na prática mesmo, era muito uma coisa de criação. Era aproveitar a energia do aluno e deixar ele livre pra criar, geralmente em função de algum tema, em função de algum procedimento técnico. Por exemplo, estávamos, estávamos trabalhando com Stanislavik... então: a emoção do ator, a verdade do ator, ah... A carga emocional que ele dá ali àquele improviso... (Everaldo Pontes, entrevista concedida em 21.03.2011)

Assim, seus gestores entendiam que uma programação curricular pré-determinada deveria ter um intuito apenas de mínima organização das atividades a serem realizadas, mas não de limitação ou repressão das suas ações e das necessidades surgidas no momento da execução da atividade. Ou seja, era preciso que todos os sujeitos envolvidos naquela experiência educativa estivessem dispostos a construir e reconstruir idéias, principalmente visando atender as necessidades e interesses das crianças.

Podemos dizer ainda que na Escola Piollin não existia hora exata para que os “alunos” começassem suas atividades, pelo contrário, podiam entrar e sair delas quando sentissem vontade. E isso variava conforme o interesse de cada um em participar e do que se pretendia alcançar com a atividade desenvolvida. É por essas e outras tantas peculiaridades do fazer Piollin é que precisamos analisá-la com cuidado e, admitido desta forma, por seus como pensando sempre num processo educativo diferenciado, experimentado e por seus gestores assim admitido, pensado e discutido, com seus erros e acertos, desde a fundação da Instituição. E assim, por mais que para muitos deles e – também para as crianças, conforme citação – essa liberdade criativa não fosse completamente compreendida, na medida em que os padrões e ordenamentos da escola regular ainda eram fortemente identificados como a única possibilidade “séria” de educação, o processo seguiu em andamento.

...Comecei o dia a dia... todo ano, eu não perdia um dia nessa escola (a Piollin). Só chegou, chegou, chegou um tempo que eu, de tanto brincar... a Escola ficava assim: não era... era uma escola de artes, mas uma escola só de brincadeira. Até teve um com uma entrevista com uma professora que ela perguntou: “o que é que você queria que mudasse?”. E eu disse: “minha gente, eu sei que é bom brincar, mas eu vejo que está faltando é... vocês pegar a gente e começar a estudar, a ler... tem a sua, a sua hora de brincar, mas vocês tem que mostrar também o lado da educação assim...de ler e escrever...que não tinha. Que tivesse umas coisa mais or-

ganizada... cada um com sua turminha... porque lá era aberto. Todos os alunos quisessem ficar com aquele professor, com aquela professora, ficavam. Não sabia quem... qual era o professor certo. Só que eu achava um pouco bagunçado... (Sebastião Gomes “Bastinho” ex-aluno, entrevista concedida em 08.04.2011)

Tentando aprofundar a compreensão sobre o processo desenvolvido ali, nos reportamos à referência e reflexão sobre educação informal (terminologia anglo-saxã) ou educação não-formal (terminologia francesa) expressas em Von Simson, Park e Fernandes (2001) diretamente inspirada pelas contribuições do sociólogo português Almerindo Janela Afonso em seu artigo de 1989. Nesse sentido, as autoras apontam essa educação, que Luiz Carlos chama de alternativa, como uma possibilidade de “escola paralela”

... e se caracteriza por poder escolher seus conteúdos, métodos e objetivos livres dos constrangimentos das instruções oficiais; se dirige a um público não-cativo – por não participar do jogo de atestados sociais que os diplomas estabelece ... Além de escolher seus temas, a liberdade da educação não-formal ou não-escolar se caracteriza também por poder escolher aqueles apoios que julgam necessários à sua atividade educativa, por definir a natureza das mensagens (que podem se valer de conhecimentos científicos mas podem também condenar a ciência) e por determinar quais as suas intenções no ato de educar. Ela pode informar, provocar emoções, fazer os educandos sonharem ou levá-los a criar algo novo em qualquer campo das ciências, das artes ou do domínio do corpo, ou da política... a decisão de aprender é voluntária. Não há uma obrigatoriedade de permanência e de frequência. A participação dos educandos passa por um interesse nas mensagens que são veiculadas, por uma curiosidade em aprender certos conteúdos, por um interesse político associativo na aquisição de certas noções, ou por uma atração pelo ambiente social que é criado no espaço onde se dá o aprendizado ... (Von Simson, Park e Fernandes; 2001, p.62)

Pensando assim, podemos notar uma completa inversão no sentido pedagógico da educação formal regular – que determina em si seu público cativo e definido. Na educação escolar não formal o desafio é diferente: a educação precisa ser atrativa cativando seu público cotidianamente, para que assim possa realizar seu trabalho. E é exatamente isso que sentimos na prática da Escola Piollin

Convivemos com a expectativa e a apreensão. As crianças do bairro que ocorrem a Piollin, têm movimento próprio. Um fluxo e refluxo natural. Vêm das escolas que visitamos ou das ruas do bairro do Roger ou simplesmente atraídas pelo palhaço. Vêm para os balanços; para todos os brinquedos; com suas pipas; para a casa das bonecas e a alfabetização; para o teatrinho; para a argila; para a areia; com as latas para a banda de música improvisada; vêm para comer as frutas verdes e maduras; vêm alegres; vêm pela merenda; vêm derrubar as casas de bonecas que as meninas da alfabetização passaram dias construindo, varrendo, enfeitando; vêm para contar e ver cinema; para pregar peças nos companheiros; tirar as saias das meninas e mangar dos cabelos crespos, das peles escuras, das bocas sem dentes e dos olhos estrábicos; eles vêm inteiros; vêm pela metade; não vêm. Convivemos com a dúvida (Relatório Oficial da instituição de 1982 à SEC/MEC prestando contas do projeto “Interação entre Educação Básica e os diferentes contextos Culturais existentes no país”)

Observamos, conforme já dito, que houve certa continuidade de investidas num mesmo sentido educacional não formal de 1977 a 1984 devido, principalmente, à forte liderança e energia de Luiz Carlos Vasconcelos. Mas entendemos que a equipe que com ele esteve nesse período, também foi fundamental para a iniciativa. Não era possível uma seleção extremamente criteriosa para a escolha desse pessoal, mas segundo as fontes, acreditamos que nem havia essa intenção. Sendo assim, entendemos que a busca era por pessoas que tivessem a “alma educadora” que se permitissem ser cooptados pela proposta da Escola. E, para isso, a última coisa que

importava era o título formal de pedagogo ou o de educador artístico. Importava primeiramente o voluntarismo. Era preciso principalmente ousadia, disposição e persistência. Pudemos identificar essa postura pela maneira como alguns dos monitores eram chamados a trabalhar na Instituição e como resolviam as dificuldades do cotidiano das atividades

...E uma amiga minha, Márcia Luciana, que tava, tinha conhecido a Piollin me convidou, disse: “olha, aqui tem uma escola que é a tua cara” porque eu desenhava e fazia algumas coisas que ela achava que é... eu ia gostar, eu ia me identificar. E... é... achava que eu ia... devia conhecer né? E me convidou lá, e eu fui. E quando eu cheguei foi interessante, porque tava Luis Carlos na frente dessa casa sentado na calçada com as crianças. E eu fui chegando toda tímida, e sem saber o que fazer e nada e tal... ai sentei lá do lado, e ele continuou conversando com as crianças né? Aí de repente ele olhou pra mim e disse: “É você que é Rejane?”, e eu disse “É sou”, ele disse: “Então, o que é que você sabe fazer?”, eu fiz “Eu não sei fazer nada (risos). Eu não sei fazer”. Ai ele fez... aí ele ficou lá assim... ainda um pouco, aí ele se levantou...“Fique aí com eles!”, aí saiu e me deixou. E essa foi a minha primeira turma. Foi assim que eu recebi a minha primeira turma entendeu? (risos) ... (Rejane Alves, ex-monitora Centro de Estudos. Entrevista concedida em 1.04.2011)

Nas formulações do teórico Illich (1985) encontramos questionamentos acerca da necessidade de qualificação formal para aqueles que desejam ensinar, compartilhar conhecimentos ou habilidades, o que se assemelham muito à prática da Piollin quanto a “seleção de monitores” citada anteriormente. Para este autor, o fato de se possuir determinada habilidade e de querer compartilhá-la deveria ser fator determinante para que o sujeito fosse apontado como “aquele que ensina”. Se assim o fosse freqüentemente, segundo ele, teríamos uma educação “diferente” daquela na qual somos inseridos desde o início de nossa vida escolar.

...Companheiros que desejam fazer uma pesquisa em comum devem partir de interesses e habilidades comuns; juntam-se para desenvolver ou exercitar uma habilidade que compartilhem. Dessa maneira, haverá em abundância pessoas que saibam demonstrar habilidades se aprendermos a reconhecê-las fora da profissão de ensinar. O público em geral foi doutrinado para acreditar que as habilidades são valiosas e a confiarem unicamente nelas se for resultado de escolaridade formal... (Illich; 1985, pg.146)

Com relação às “aulas” da Escola Piollin, sabe-se que as que foram oferecidas nos anos de 1980 e 1981 foram limitadas. As de alfabetização, por exemplo, estavam paralisadas desde o começo do ano de 1981 quando da mudança para a área do Horto Simões Lopes – só retornando de fato em 1982, e o “parque”³ só voltou a funcionar, já em nova sede, em 08 de setembro de 1982. As atividades funcionaram dessa maneira parcial até setembro daquele ano, quando após a finalização de uma estruturação mínima do novo espaço de funcionamento e contratação de pessoal, a Escola Piollin pôde enfim, voltar a funcionar em sua plenitude.

Quando realizamos a leitura do referido Projeto criado pela Secretaria de Cultura e adotado pela Escola Piollin, percebemos que muito do que se propunha assemelhava-se às práticas que a Escola já desenvolvia – e como uma das questões que detectamos nas falas e nos documentos lidos era a indefinição com relação aos métodos e a própria “filosofia” a ser adotada pelo grupo de pessoas que estavam à frente da Escola, acreditamos que desta forma, o Projeto em questão também tenha lhes servido como parâmetro neste sentido, conforme indicado abaixo

...o desenvolvimento cultural, juntamente com a educação básica, constitui uma das áreas prioritárias do MEC, confor-

³ O “parque” era o lugar onde as crianças passavam a maior parte do tempo quando estavam nas dependências da Escola Piollin. Encontravam ali a liberdade e a oportunidade para serem crianças de fato por meio das brincadeiras e atividades direcionadas pelos monitores segundo os documentos e as entrevistas realizadas.

me estabelece o documento “Diretrizes do Planejamento do MEC (Programação para 1982)” (...) A cultura representa um dado indispensável na busca de soluções para os nossos problemas políticos, econômicos e sociais, sendo portanto, valioso recurso nacional (...) torna-se pois, necessário que as ações educativas absorvam o conteúdo das culturas específicas a que se dirigem e que sejam geradas e operacionalizadas com a participação da comunidade, garantindo assim, que o processo de apreensão de outros conteúdos culturais, se faça a partir dos valores próprios da comunidade, criando ao mesmo tempo, condições para haver sincronia entre as dinâmicas cultural e educacional, esta sempre balizada por aquela... (Texto original do Projeto “Interação entre Educação Básica e os diferentes contextos Culturais existentes no país” da SEC/MEC em setembro de 1981)

Entre outras coisas o Projeto Interação entre Educação Básica e os diferentes contextos Culturais existentes no país, que entrou em circulação em setembro de 1981, argumentava sobre a importância do relacionamento entre cultura e desenvolvimento sócio-cultural através da educação básica – prioridade do MEC de acordo com o documento “Diretrizes de Planejamento do MEC (Programação para 1982)”. O objetivo principal do Projeto era alimentar o fortalecimento de uma identidade cultural no país através de ações da educação básica que absorvessem o conteúdo de culturas específicas das comunidades garantindo a apreensão de outros conteúdos culturais a partir dos valores próprios da mesma – o que criaria condições para a sincronia entre as dinâmicas cultural e educacional. A sua proposta de abordagem nos parece muito próxima a que encontramos nas práticas da Escola Piollin e, por isto, acreditamos que a parceria teve êxito, durando assim, dois anos.

assim, o espaço educativo onde se processa a aprendizagem deve ser o espaço de interação das diferentes culturas que compõem o universo cultural brasileiro. Isto nos leva a afirmar que as abordagens setoriais do problema privilegiam um tipo de atuação ou tentando entendê-lo segundo a

ótica de uma única ciência, é incompatível com a amplitude e complexidade do fenômeno. Somos levados a concluir que uma abordagem *gestálgica* do processo educacional, ou seja, uma abordagem cultural – aquela que se relaciona com a totalidade da vida societária – será o tratamento que criará condições para que cada comunidade explicita o fazer educacional que lhe seja adequado. **Esta abordagem – a que consideramos genuinamente cultural – não se constitui, entretanto, em um conhecimento adquirido e a se aplicar; trata-se, pelo contrário, de um aprendizado pelo redirecionamento educativo a ser obtido, e a se colocar em contínua renovação; de um aprendizado fundamentado na vivência intensa e íntima com as comunidades e no respeito cultural entre educadores e educandos.** (Texto original do Projeto “*Interação entre Educação Básica e os diferentes contextos Culturais existentes no país*” da SEC/MEC em setembro de 1981) – **grifos da autora.**

Em 1981 a quantidade de alunos matriculados, se comparados com o ano anterior, dobrou. Além disso, as fichas também nos permitiram compreender melhor a relação entre os alunos e a Escola Piollin. Naquele ano observamos anotações manuscritas nas fichas das crianças que marcam a visita em suas casas na data de 16.09.1981 e que revelam tentativas de comunicação com as suas famílias. Nestas anotações, pudemos observar apontamentos do tipo: “tem freqüentado”, “a casa estava fechada”, “ninguém nos recebeu”, “foi acidentado”, “virá na próxima segunda”, “virá na próxima quarta”. Acreditamos, através da leitura desses pequenos indícios, que em determinado momento daquele ano, e por alguma circunstância por nós não identificada, os alunos evadiram-se das atividades. E percebemos o interesse imediato dos gestores em sondar as famílias a fim de resolver o impasse, seja ele qual fosse. E isso nos é reforçado pelo bilhete de um aluno encontrado entre a documentação deste ano

... “Falta de gente na Piollin”. **Bem gente tou pra saber por que vocês não estão mais vindo na Piollin.** É o jeito os professores vão deixar a Piollin *de mão*, depois que o Piollin acabar; quero ver onde vocês vão estudar no canto melhor que esse era. **Vamos ver também a obrigação dos professores é ir tudinho na casa dos malucos que deixou a Piollin de mão.** Arnaldo, Jandira e Sérgio (três monitores daquele ano) *paruano* o dinheiro de vocês sai a Piollin voltará ao normal... (Bilhete de aluno não identificado. 1982)

Considerações Finais

Por meio da pesquisa pudemos perceber que a escola regular oficialmente estabelecida e legitimada seria o espaço onde se deveria priorizar o ensino instrucional, de aquisição de habilidades e de técnicas com objetivos voltados, principalmente, para o mercado de trabalho. Concluímos assim, que o que se poderia esperar oficialmente da escola seria a aquisição de habilidades instrucionais e não necessariamente educativas num sentido amplo de termo. A escola regular, no nosso entender, foi sendo construída historicamente no Brasil como o espaço privilegiado de aquisição oficial de instrução – apesar da esperança e desejo velado da sociedade de que na escola fossemos todos educados plenamente.

A sociedade parece que tem esperado encontrar no espaço regular da escola um lugar de fomento de uma educação cidadã, humana, cultural, política e social que a nosso ver, não tem sido o foco da escolarização regular nem nos dias de hoje, nem na década de 1970 – quando da fundação da Escola Piollin.

O estudo da “experiência” educativa da Escola Piollin nos fez concluir que é possível instruir e educar em um mesmo ambiente. Acreditamos que existem tipos escolares e que a sociedade cada vez mais reconhece essas possibilidades. A educação pode ser adquirida sempre e em todos os espaços. Para tanto, ela deve ser favorecida através de ambientes que a fomentem para além da rigidez de um currículo ou das avaliações. A educação deve ser adquirida

“naturalmente”, cotidianamente num ambiente que promova atividades reflexivas levando os alunos a se questionarem e criticarem e, assim, construírem um conhecimento muito além do utilitário, mas um conhecimento cultural ativo e consciente tanto de sua vida como da vida que leva em sociedade, seja ele adquirido no modelo escolar regular ou por meio de outros tipos deles.

Dessa forma, nosso maior desejo foi o de esse estudo possa favorecer o alargamento do entendimento e a melhor visualização de uma perspectiva da história/trajetória da Escola Piollin. E, ousamos ainda mais que isso. Nosso intento foi o de que os silêncios ainda não desvelados por essa análise nos sirvam de impulso para nos lançarmos em futuras investigações que nos levem a novas descobertas e, por conseguinte, a outras problematizações das histórias sobre “*experiências*” educativas.

Referências Bibliográficas

- AFONSO, A. J. (1989) Sociologia da educação não-escolar: reactualizar um objecto ou construir uma nova problemática?. A. J. Esteves, *A Sociologia na Escola – Professores, educação e desenvolvimento*, Biblioteca das Ciências do Homem. Porto: Afrontamento, 1989.
- BEZZERA, Gilete Queiroz. *Centro Cultural Piollin: uma prática de enfrentamento à exclusão social através das artes e do desenvolvimento humano*. João Pessoa: UEPB, 2008.78f. Monografia de especialização em Gestão Pública.
- CURY, Cláudia Engler. *Políticas Culturais no Brasil: Subsídios para lembrar construções de brasilidade*. Campinas, SP. [s,n] 2002. Tese de Doutorado, UNICAMP – Faculdade de Educação. Orientador: Eloísa de Matos Hofling.
- ILLICH, Ivan. *Sociedade sem escolas – 7ª edição*. trad. de Lúcia Mathilde Endilich Orth. Petrópolis, Vozes, 1985.
- PINHEIRO, Antônio Carlos. *Múltiplas visões, cultura histórica no oitocentos*. Org: Cláudia Engler Cury e Serioja Mariano. “*Instrução e*

Cultura escolar: Considerações sobre a cultura educacional no oitocentos”. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes; TEIXEIRA, Carmem de Miranda Yeks; CHISTE, Lissandra Silva e GONÇALVES, Renata Matheus. *Educação não-formal: cenários da criação*. VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes; PARK, Margareth Brandini e FERNANDES, Renata Sieiro (orgs). In “ A valorização da diferenciação sociocultural como fator de integração de estudantes em situação de risco: discussão de uma experiência concreta – O projeto Sol de Paulínia (SP)”. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Memória, 2001.